

IMPORTÂNCIA DA INTERTEXTUALIDADE NAS MALHAS DE *O ALIENISTA*

THE IMPORTANCE OF INTERTEXTUALITY IN THE KNOWLEDGE OF *THE ALIENIST*

Juliana Lamera Werner

Graduada em Letras pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale)
Bolsista de Aperfeiçoamento da Feevale
E-mail: juliana.lwerner@gmail.com.

Juracy Ignez Assmann Saraiva

Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (Feevale)
Líder do grupo de pesquisa "Linguagens e Manifestações Culturais" e bolsista em produtividade do CNPq.
E-mail: juracy@feevale.br

RESUMO

Este artigo analisa a novela “O Alienista”, de Machado de Assis, publicada periodicamente na revista *A Estação*, de outubro de 1881 a março de 1882, e incluída, neste mesmo ano, em *Papéis avulsos*. A análise visa apreender a significação que menções a fatos e figuras históricas, a autores e a obras literárias agregam à representação do contexto social do Segundo Império e à caracterização das personagens. Sob esse ângulo, relaciona a Revolução dos Canjicas com a Revolução Francesa e com a Inconfidência Mineira, além de expor as implicações dos avanços científicos na realidade cotidiana, aspectos que a novela traduz de modo satírico. Igualmente, focaliza as personagens, em especial Simão Bacamarte, para evidenciar as significações inerentes à relação dele com Hipócrates, Catão, Papa Benedito VIII, Maomé, entre outras figuras históricas. O artigo confirma a importância da intertextualidade em “O Alienista”, a qual demonstra a reflexão de Machado de Assis sobre a sociedade brasileira do Segundo Império e que ele transpõe para a ficção. Além disso, o artigo mostra a intensa inserção sociocultural de Machado e seu perfil de escritor-leitor.

Palavras-chave: Machado de Assis. O Alienista. Intertextualidade.

ABSTRACT

This article analyzes the novel "The Alienist", by Machado de Assis, published periodically in the magazine *The Station*, from October 1881 to March 1882, and included, in that same year, in *Separate Papers*. The analysis aims at apprehending the meaning that mentions historical facts

and historical figures to authors and literary works that add to the representation of the social context of the Second Empire and the characterization of the characters. From this angle, it relates the Revolution of *Canjicás* with the French Revolution and with the *Inconfidência Mineira*; besides it exposes the implications of the scientific advances in the daily reality, aspects that the novel translates in a satirical way. It also focuses on the characters, especially Simão Bacamarte, to highlight the meanings inherent in his relationship with Hippocrates, Cato, Pope Benedict VIII, Muhammad, and other historical figures. The article confirms the importance of intertextuality in "The Alienist", which demonstrates the reflection of Machado de Assis on the Brazilian society of the Second Empire and which transposes it into fiction. In addition, the article shows Machado's intense socio-cultural insertion and his writer-reader profile.

Key-words: Machado de Assis. The Alienist. Intertextuality.

1 INTRODUÇÃO

O estudo de um autor e de sua obra pode ser associado ao contexto sociocultural em que ele se situa, pois o meio interfere em sua formação como escritor e, por consequência, se reflete em sua obra. Eventos históricos e obras em circulação influenciam as concepções de literatura e leitura de uma época, além de contribuírem para a formação do escritor e para seu reconhecimento como homem das letras. (SARAIVA; WERNER, 2013)

Assim, o estudo de menções intertextuais na novela *O Alienista* expõe a prática de leitura de Machado de Assis e mostra-se importante ao desvelar significações implícitas ao texto, contribuindo para a compreensão integral da obra e de sua relação com a sociedade brasileira do século XIX. A novela, publicada originalmente em folhetim na revista *A Estação*, entre os anos de 1881 e 1882 e, posteriormente, lançada no livro de contos *Papéis avulsos*, tem relevância na literatura machadiana, visto que traz à tona questões como a tentativa de delimitar a razão e a loucura, o abuso do poder em nome da ciência.

Neste artigo, busca-se elucidar a menção a obras e autores, particularmente do âmbito da história universal, que agregam significações implícitas ao texto. Na medida em que essas menções são elucidadas, os sentidos da novela tornam-se mais claros, permitindo, também, que seja apreendida a crítica que Machado faz tanto da sociedade em que vivia quanto da literatura. Portanto, a análise das relações intertextuais, em *O Alienista*, que este artigo desenvolve, visa a contribuir para o conhecimento desta obra e para uma visão, ainda que parcial, da sociedade oitocentista.

2 A INTER-RELAÇÃO ENTRE CONTEXTOS

Assumindo o pensamento de Raymundo Faoro (1982, p. 418) de que

dentro do tempo histórico e do espaço social, reintegrados na realidade da arte e do mundo, a obra literária subsiste por si, com perspectiva peculiar, inteligível por valores comuns. Nem a abordagem extrínseca lhe dá conteúdo, nem o isolamento no mistério a purifica das impurezas do século. Incorporada ao momento sociocultural, ela, parte dele, o revela, revelando-se a si própria.

Faoro adota o conceito de Aristóteles, segundo o qual a arte é a recriação do real, ou seja, através da visão do criador, a obra, ao constituir-se como mimese, passa a representar a realidade, de modo que a ficcionalidade expõe aspectos da realidade que transpõe. Entretanto, segundo o autor, a análise direcionada apenas a aspectos históricos não proporciona a compreensão da obra literária em sua totalidade, sendo necessário considerar os aspectos inerentes à forma.

Neste sentido, entende-se que a obra literária se relaciona com o tempo histórico de sua produção e sustenta-se que as menções intertextuais na novela *O Alienista*, de Machado de Assis, não são aleatórias, pois introduzem significações ao texto e ajudam a desvendar a sociedade brasileira do Segundo Império.

A narrativa inicia com o retorno do Dr. Simão Bacamarte à vila de Itaguaí, com o intuito de dedicar-se à medicina, após a conclusão de seus estudos na Europa, sendo referido como o maior médico de Portugal e das Espanhas. Em busca de reconhecimento, opta por estudar “o recanto psíquico” ou “a patologia cerebral” (ASSIS, 1986a, p. 254) e constrói um manicômio, a Casa Verde. Após muita pesquisa, aceita a teoria de que um indivíduo, cujo comportamento não seja estritamente racional, sofra de desequilíbrio mental e, assim, manda encerrar na Casa Verde “os esbanjadores, os supersticiosos, os ostentadores, os aduladores” (SARAIVA, 2010, p. 202) para conduzir experimentos a fim de curá-los. Logo, o médico passa a exercer um poder quase ditatorial sobre a cidade, já que o número de loucos não para de crescer. O clima de terror que se instala sobre a comunidade faz com que a população se rebele contra o médico e membros da câmara, destituindo-os do poder. Contudo, tropas enviadas pelo vice-rei restabelecem a ordem prévia e a autoridade de Bacamarte, que chega a encarcerar a própria esposa quando essa passa a noite acordada em dúvida quanto à joia a usar. Em certo ponto incomodado por já estarem internados quase todos os itaguaienses, Bacamarte revê sua teoria e chega a uma nova conclusão, a de que loucos seriam aqueles cujas mentes estivessem em perfeito equilíbrio. Em decorrência dessa nova descoberta, o alienista libera os antigos internos e encarcera os modestos, os tolerantes, os leais, os magnânimos. Incapaz de encontrar neles a

definição da loucura, já que as atitudes notadas se tornavam parte do comportamento dos pacientes, libera a todos. Por fim, Bacamarte põe-se a estudar sua própria condição mental, pois percebe que é o único louco da cidade, razão por que interna a si mesmo, vindo a morrer depois de 17 meses.

O contexto sociocultural expresso em *O Alienista* revela-se pela transposição de dois ângulos históricos: o período em que se passa a história narrada e o momento de sua produção. No âmbito da narrativa, a diegese inicia no final do século XVIII, nos anos posteriores a 1789, estendendo-se até o início do século XIX, em um período aproximado de 15 anos¹. A partir do período de sua publicação em folhetim, pode-se situar a produção da novela nos anos finais da década de 1870 e nos anos iniciais da década de 1880.

A narrativa ocorre em um período marcado pela falta de um poder centralizador, o que é retratado no texto de Machado de Assis pela falta de expressividade da Câmara Municipal de Itaguaí. Em *O Alienista*, a organização administrativa brasileira, representada pela Câmara Municipal, não exerce um poder real, deixando-se influenciar e controlar pelo cientificismo do alienista, dando ao médico uma autoridade quase tirânica, o que leva a revoltas que causam a deposição de seus vereadores.

No Brasil setecentista, apesar de haver um Governo-geral, faltava efetividade na aplicação do poder. O vice-rei era a autoridade máxima e o representante da Coroa em terras brasileiras, e os governadores, das capitânias. Porém, as Câmaras Municipais mereciam destaque por serem constituídas por membros da sociedade, sendo “controladas, sobretudo até meados do século XVII, pela classe dominante dos proprietários rurais e [...] seus interesses” (FAUSTO, 2012, p. 58).

A esse respeito, Boris Fausto (2012, p. 58) aponta que

as Câmaras Municipais, com sede nas vilas e nas cidades [...] eram compostas por membros natos, ou seja, não eleitos, e de representantes eleitos. Votavam nas eleições, que eram geralmente indiretas, os ‘homens bons’, ou seja, proprietários residentes na cidade, excluídos os artesãos e os considerados impuros pela cor e pela religião, isto é, negros, mulatos e cristãos-novos.

A exposição deste aspecto na novela se dá pela reflexão do barbeiro Porfírio, estabelecida por meio do narrador, sobre a situação da Câmara de Itaguaí. Por muito tempo Porfírio “forcejava por ver o seu nome incluído nos pelouros para o sorteio dos vereadores, mas era recusado por não ter uma posição compatível com tão grande cargo” (ASSIS, 1986a, p. 272). Portanto, devido a sua profissão de barbeiro, Porfírio não era elegível ao cargo de vereador, não podendo tomar parte da Câmara de Itaguaí.

O Brasil do Segundo Império também foi marcado por diversas revoluções internas, como a Inconfidência Mineira, de 1789, e a Conjuração Baiana, de 1798. Machado de Assis descreve, em sua narrativa, esse momento de instabilidade por meio da revolta dos Canjicas, que teve por inspiração um acontecimento histórico de âmbito internacional: a Revolução Francesa. Machado de Assis remete os episódios de *O Alienista* à Revolução Francesa, valendo-se de metáforas e metonímias. O quinto capítulo da novela, denominado “O Terror” (1986a, p. 262), é o prenúncio da revolução dos Canjicas. Esse episódio, em que o alienista encarcera na Casa Verde grande parte da população de Itaguaí, é metáfora do período histórico da Revolução Francesa em que, perseguido pelos jacobinos, os inimigos da revolução eram capturados e mortos à guilhotina.

Ainda que os acontecimentos apresentem diferenças de dimensão, gravidade e importância, Machado de Assis quer, por meio dessa comparação entre Itaguaí e França, expor os perigos da radicalização das ideias. Ao mesmo tempo em que os jacobinos, sob o comando de Robespierre, assassinaram milhares de franceses em defesa da revolução, Simão Bacamarte encarcera grande parte do povo itaguaiense em nome da ciência.

Há, no romance, comparação entre a Casa Verde e a Bastilha, prisão-fortaleza situada em Paris, para onde eram mandados os inimigos da Coroa francesa. O hospício de Bacamarte é referido por Porfírio como “Bastilha da razão humana” (ASSIS, 1986a, p. 270) momentos antes de ele incitar a rebelião e, após a adesão de mais revoltosos, o narrador comenta que “dada a diferença de Paris a Itaguaí – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha” (ASSIS, 1986a, p. 271). Deste modo, assim como a Bastilha era o símbolo do absolutismo monárquico, a Casa Verde é o símbolo da prepotência da Ciência, representada, na obra, pela figura do protagonista, Simão Bacamarte. Nesse sentido, Machado de Assis faz uma crítica à corrente filosófica positivista, que entendia o conhecimento científico como única forma de conhecimento verdadeiro.

Os ideais que levaram à revolução dos Canjicas são comparados ao fundamento ideológico da Revolução Francesa: liberdade, igualdade e fraternidade. Após Porfírio ser deposto, João Pina assume o governo, ao que comenta o narrador: “onde o outro barbeiro falara de uma Câmara corrupta, falou este de ‘um intruso eivado das más doutrinas francesas e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade’, etc” (ASSIS, 1986a, p. 278). Ao equiparar a revolta dos Canjicas à Revolução Francesa, Machado de Assis quer denunciar a submissão brasileira ao conhecimento político-filosófico europeu e às ideias liberais que levaram à revolução. Nesse sentido, Machado pretende evidenciar a falta de erudição do povo brasileiro que, por desconhecimento, deixa-se levar por líderes cativantes que, uma vez no poder, não adotam a ideologia que pregavam ao início de sua revolta.

Esse aspecto é demonstrado ao confrontar-se a posição do barbeiro Porfírio antes e depois da revolta dos Canjicas. Inicialmente, ao incitar a rebelião, o barbeiro declara ao povo itaguaiense “que estava investido de um mandato público e não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde” (ASSIS, 1986a, p. 270). Contudo, ao ascender ao poder, ao contrário do que se era esperado, dirige-se a Bacamarte, dizendo-lhe:

— Engana-se Vossa Senhoria [...] engana-se em atribuir ao governo intenções vandálicas. Com razão ou sem ela, a opinião crê que a maior parte dos doidos ali metidos está em seu perfeito juízo, mas o governo reconhece que a questão é puramente científica, e não cogita em resolver com posturas as questões científicas. Demais, a Casa Verde é uma instituição pública; tal a aceitamos das mãos da Câmara dissolvida. Há, entretanto, — por força que há de haver um alvitre intermédio que restitua o sossego ao espírito público (ASSIS, 1986a, p. 276).

Diante disso, a verdadeira intenção de Porfírio é elucidada. O barbeiro se aproveita da falta de discernimento da população, explorando-a, a fim de alcançar o poder e, uma vez em controle da Câmara Municipal, renuncia a seus ideais revolucionários.

Em *O Alienista*, há também remissão a importante figura histórica da Revolução Francesa, o imperador Napoleão Bonaparte. Após o vice-rei restabelecer a ordem em Itaguaí e restituir o poder ao alienista, Porfírio desiste de nova rebelião, pois havia “‘provado tudo’, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma cousa, porque Napoleão não provou a Casa Verde” (ASSIS, 1986a, p. 281). Napoleão vivenciou momentos de glória, mas também o sofrimento da deportação e do exílio, contudo, segundo Porfírio, não teria experimentado a opressão da Casa Verde.

Ao remeter à Revolução Francesa, Machado de Assis também quer presentificar, no âmbito da narrativa, a Inconfidência Mineira e denunciar a instabilidade política, pois “as últimas décadas do século XVIII são uma referência para indicar um conjunto de transformações na ordem mundial e nas colônias, que dão origem à crise do sistema colonial e aos movimentos pela independência” (FAUSTO, 2012, p. 38).

Nesse sentido, a circunstância de Machado de Assis ser um leitor-escritor se expõe por dar lugar, em sua produção, à representação do contexto sociocultural brasileiro por meio de remissões ao campo da história, que não se limita, segundo ele, ao espaço nacional, já que, ao refletir sobre a realidade brasileira, encontra pontos de convergência entre ela e a Revolução Francesa. Igualmente associa a narrativa à Inconfidência Mineira, que se apropriou dos ideários da Revolução Francesa, o que é evidenciado pelo lema “*libertas quae sera tamen*” (IGLÉSIA, 1989), ou “liberdade ainda que tardia”, tão evidenciada pelos iluministas franceses, da mesma forma que a revolta dos Canjicas também foi influenciada pelo pensamento revolucionário francês.

Outros aspectos da sociedade brasileira do século XVIII, retratados em *O Alienista*, são a ausência de uma comunidade letrada e a inexistência da imprensa. O homem letrado é representado pela figura do protagonista, o médico Simão Bacamarte, que detém o conhecimento científico adquirido por meio da leitura de autores estrangeiros. Os méritos intelectuais de Bacamarte são atestados logo ao início da novela, quando é exaltado pelo narrador como “filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (ASSIS, 1986a, p. 253). Ademais, após formar-se, regressa a Itaguaí tendo recusado cargos oferecidos pelo próprio monarca: “em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia” (ASSIS, 1986a, p. 253). Deste modo, é evidenciado que Simão Bacamarte é o maior detentor de conhecimento em Itaguaí. Assim, Machado de Assis aponta a falta de conhecimento e discernimento de grande parcela da população brasileira, o que permite que sejam manipulados pela minoria letrada.

A ausência da imprensa na Colônia é expressa pela referência ao recurso de divulgação de notícias em Itaguaí, a matraca². O narrador, situado no futuro em relação ao acontecimento que relata, comenta que, “naquele tempo, Itaguaí, que como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia: ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; — ou por meio de matraca” (ASSIS, 1986a, p. 261). Essa remissão histórica ressalta a carência do Brasil Colônia em relação à imprensa e à difusão de conhecimento, o que corrobora para a falta de uma comunidade letrada.

Entretanto, *O Alienista* também estabelece uma relação da diegese, que se passa em tempos de Brasil Colônia, com o momento de sua produção, o final do Segundo Império. Neste sentido, Machado de Assis visa denunciar os perigos do progresso e do pensamento positivista, de modo que a narrativa também aponta para mudanças socioeconômicas e para o fortalecimento da ideologia republicana os quais, por sua vez, acarretaram a queda da monarquia, no final da década de 1870.

As reformas políticas, econômicas e sociais do século XIX também influenciaram uma reestruturação no âmbito da medicina. Com base em princípios racionalistas, instituiu-se uma nova abordagem médica, que primava pela normatização da sociedade e que levou ao surgimento do movimento higienista. No Brasil, a política higienista propunha extinguir doenças que assolavam a população durante o século XIX, tais como a cólera-morbo, a febre amarela, a varíola, a malária, a tuberculose e a peste bubônica (MARTINS, 1998). Médicos higienistas prescreviam desde cuidados com higiene e alimentação até o zelo com as normas sociais e morais, já que almejavam “curar as cidades de suas ‘patologias’ sanitárias, sociais e espaciais” (MARTINS, 1998, p. 141).

Nesse contexto, surgiram os primeiros estudos sobre a alienação humana, culminando, com o decreto de Dom Pedro II, no ano de 1841, no estabelecimento do Hospício de Pedro II, aos moldes de instituições francesas organizadas por Pinel e Esquirol (MURICY, 1988). Em meio às transformações da sociedade oitocentista, o discurso adotado pelos médicos higienistas reproduzia os ideais burgueses de modernização do país (MANSANERA; SILVA, 2000). Desta maneira, acreditavam ser a desorganização e o mau funcionamento da sociedade fatores que levavam às doenças, sendo de responsabilidade dos médicos estudarem e elaborarem mecanismos de prevenção e tratamento dessas moléstias (MANSANERA; SILVA, 2000).

Porém, como explicita Katia Muricy (1988), as teorias europeias, endossadas pelos brasileiros, careciam de procedimentos práticos, já que adotavam o método científico da observação, sendo trabalhadas sem rigor e de maneira simplista, o que levava a conflitos teóricos.

Conseqüentemente, Machado de Assis personifica a ciência de sua época, por meio da figura de Simão Bacamarte, e alerta para os perigos da modernização desenfreada, fazendo uma crítica ao cientificismo – que visava à normatização da vida social brasileira do século XIX – e à sua pretensa universalidade.

3 MENÇÕES INTERTEXTUAIS E CONCEPÇÃO DE PERSONAGENS

A referência a autores e obras literárias, fatos e figuras históricas, em *O Alienista*, tem como finalidade caracterizar personagens, explicitar a natureza de suas ações, bem como evidenciar manifestações e posicionamentos do narrador diante do narrado.

3.1 MENÇÕES A FATOS E PERSONAGENS HISTÓRICAS

Logo ao início da novela, o leitor é situado no espaço-tempo do Brasil do século XVIII mediante palavras do narrador ao anunciar a recuperação das “crônicas de Itaguaí”, relatando que “vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas” (ASSIS, 1986a, p. 253).

Massaud Moisés (2001, p. 129) sustenta que

o conto decorre nos tempos coloniais, provavelmente na segunda metade do século XVIII. Tempos áureos, graças às minas que expeliam das suas entranhas o metal que sustentava os luxos da Corte em Lisboa e graças ainda aos ventos do progresso que anunciavam o advento da hegemonia da Razão, com todas as suas promessas, no bojo do Iluminismo.

Pode-se, pois, precisar o período da narrativa, situando-o na época da Revolução Francesa e posterior à da Conjuração Mineira, ou seja, nos anos subseqüentes a 1789 (MOISÉS, 2001).

Assim, quando o narrador apresenta a obra como reescritura das “crônicas da vila de Itaguaí” (ASSIS, 1986a, p. 253), ele institui uma relação arquitextual, pois a menção funciona como um paratexto, isto é, estabelece uma relação com o gênero crônica, buscando uma pretensa veracidade e, simultaneamente, vinculando seu relato à Revolução Francesa, de que o movimento em Itaguaí funciona como uma paródia³.

No decorrer de *O Alienista*, o narrador constantemente volta a mencionar as crônicas e os cronistas, a fim de assegurar a natureza histórica de seu relato. “A vereança de Itaguaí, entre outros pecados de que é argüida pelos cronistas, tinha o de não fazer caso dos dementes” (ASSIS, 1986a, p. 254), informa o narrador sobre a pretensão de Simão Bacamarte em estudar a loucura e construir um manicômio em Itaguaí. A mulher de Crispim Soares, ao ser convidada a acompanhar D. Evarista em sua viagem ao Rio de Janeiro, deixa o marido apreensivo, o que é reforçado pelo narrador, “visto insistirem nele os cronistas: Crispim amava a mulher, e, desde trinta anos, nunca estiveram separados um só dia.” (ASSIS, 1986a, p. 260). Em seu retorno a Itaguaí, o narrador comenta que “o momento em que D. Evarista pôs os olhos na pessoa do marido é considerado pelos cronistas do tempo como um dos mais sublimes da história moral dos homens” (ASSIS, 1986a, p. 266). “A derrota dos Canjicas estava iminente, quando um terço dos dragões, — qualquer que fosse o motivo, as crônicas não o declaram, — passou subitamente para o lado da rebelião” (ASSIS, 1986a, p. 273), relata o narrador sobre a vitória quase milagrosa dos rebeldes liderados por Porfírio. Quando o vice-rei restabelece a ordem em Itaguaí, Porfírio é processado, ao passo que João Pina é absolvido. A esse respeito, o narrador aponta que “os cronistas pensam que deste fato é que nasceu o nosso adágio: — ladrão que furta ladrão, tem cem anos de perdão” (ASSIS, 1986a, p. 281).

Ao sustentar que sua narrativa tem o registro histórico por base, o narrador também faz reflexões acerca de seu relato, instituindo, assim, uma menção metatextual⁴: “O desfecho deste episódio da crônica itaguaiense é de tal ordem, e tão inesperado, que merecia nada menos de dez capítulos de exposição; mas contento-me com um, que será o remate da narrativa, e um dos mais belos exemplos de convicção científica e abnegação humana” (ASSIS, 1986a, p. 284). Nesse sentido, o narrador reflete sobre sua escrita e sobre sua narrativa, levantando questões sobre o próprio ato de escrita, mostrando que ele resulta de sua ação como redator.

A procura pela veracidade é reforçada pela menção, na obra, a figuras e fatos históricos, dentre os quais se destacam os filósofos Sócrates, Marco Túlio Cícero, Jean Buridan e Blaise Pascal; os imperadores romanos Calígula, Domiciano e Caracala; o médico e filósofo hispano-árabe Averróis; o imperador francês Napoleão Bonaparte; o marquês de Pombal; o político romano Catão; o médico grego Hipócrates; o papa Benedito VIII; e Maomé, além de diversas alusões à Revolução Francesa.

Essas mesmas personagens permitem esclarecer a configuração do protagonista: o narrador estabelece uma relação metafórica de Simão Bacamarte com Hipócrates⁵ e uma relação metonímica daquele com Catão⁶. Devido ao retorno de D. Evarista, mulher de Bacamarte, do Rio de Janeiro, é organizada festa de boas-vindas, ocasião em que ela é exaltada como “esposa do novo Hipócrates” (ASSIS, 1986a, p. 267). Mais adiante, D. Evarista é recolhida à Casa Verde pelo próprio marido, momento em que o alienista é caracterizado como “um grande homem austero, Hipócrates forrado de Catão” (ASSIS, 1986a, p. 280). As menções a Hipócrates estabelecem uma relação hipertextual entre elas mesmas, ironizando a pretensa genialidade do alienista, que passa de médico ilustre a louco, no decorrer da narrativa. Além disso, a junção de Hipócrates e Catão, duas personagens tão distintas, introduz uma nota de humor, mostrando que, para manter a defesa de seus princípios, Bacamarte não hesita em aprisionar a própria esposa. É, igualmente, o prelúdio do insucesso de Bacamarte e de seu destino trágico já que, apesar de não tirar a própria vida como Catão, igualmente encontra a morte ao encarcerar-se na Casa Verde.

Outras importantes figuras históricas são citadas com o intuito de expor aspectos da personalidade de Simão Bacamarte. Para arrematar a construção da Casa Verde, Bacamarte manda gravar, na fachada do manicômio, uma passagem do Corão atribuída a Maomé, na qual “declara veneráveis os doudos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem” (ASSIS, 1986a, p. 255). Contudo, por temer a reação do Padre Lopes, o médico mente dizendo que a frase é do papa Benedito VIII. O diálogo estabelecido entre o Corão, real fonte da passagem, e o falso autor, o papa Benedito VIII, demonstra a perspicácia do alienista, sua capacidade de distorcer fatos, a fim de privilegiar seu ponto de vista e seus ideais.

De modo a legitimar sua decisão de ampliar o campo de estudo da loucura e sustentar sua nova teoria, o alienista, assim como o narrador, usa como argumento personagens históricas que, segundo ele, apresentavam algum tipo de patologia mental: “Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula, etc., uma enfiada de casos e pessoas, em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas” (ASSIS, 1986a, p. 260). Portanto, as menções às figuras históricas reiteram a astúcia de Bacamarte, que deturpa as personagens, atribuindo-lhes traços que não conferem com a imagem delas, para reforçar seu ponto de vista e validá-lo, o que aponta para a índole duvidosa do protagonista.

O médico Averróis é mencionado durante a revolta dos Canjicas, enquanto os insurgentes dirigiam-se à casa do alienista, e Bacamarte “escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais” (ASSIS, 1986a, p. 271), precisando ser despertado por sua mulher. O fato de Simão Bacamarte estar absorto em seus livros e alienado da realidade, precisando ser devolvido a ela, é um indício de seu envolvimento com os estudos e prenúncio de sua loucura e de seu final tragicômico.

Também a composição de Crispim Soares é constituída pela comparação a personagens históricas, ao filósofo Jean Buridan e ao político romano Catão. Após rever sua teoria pela segunda vez, Simão Bacamarte encarcera a mulher de Crispim Soares. Quando confronta o médico à procura de explicação, o alienista sugere ao boticário que visite a mulher todos os dias. No entanto, Soares não sabe como proceder, “a proposta colocou o pobre boticário na situação do asno de Buridan⁷” (ASSIS, 1986a, p. 283), pois quer ficar ao lado da mulher, mas tem medo de voltar à Casa Verde. Nesse sentido, é instituída uma relação hipertextual com a história do asno de Buridan, enfatizando a personalidade de Crispim Soares, homem indeciso e oportunista.

Outra evidência do oportunismo de Crispim Soares está na menção a Catão, que estabelece relação intertextual com *Farsália*, epopeia de Lucano. Crispim pensa que “ninguém, por ato próprio, se amarra a um cadáver”, apesar de tê-lo feito “‘Catão, é verdade, sed victa Catoni’, pensava ele, relembrando algumas palestras habituais do padre Lopes” (ASSIS, 1986a, p. 269). Nessa passagem, o boticário pondera se, após a revolta dos Canjicas, deveria continuar fiel a Simão Bacamarte ou aliar-se ao barbeiro Porfírio, escolhendo, por fim, aliar-se ao último. O trecho constitui-se, ainda, de múltiplos discursos, pois apresenta, além da voz do narrador, as de Crispim Soares e do Padre Lopes. A menção também revela a falsa erudição da personagem, que precisa utilizar palavras de outro para afirmar-se como um homem culto.

A caracterização de personagens por meio de figuras históricas também é evidenciada quando são apresentados alguns dos pacientes de Simão Bacamarte. Tais como certo “rapaz bronco e vilão” que, após ser recolhido à Casa Verde, discursava todos os dias, “com seus recamos de grego e latim, e suas borlas de Cícero, Apuleio e Tertuliano” (ASSIS, 1986a, p. 256). A menção a essas figuras históricas proporciona um tom irônico, já que contradiz a caracterização inicial da personagem, de moço estúpido e grosseiro, insinuando que a loucura traria à tona dons dos pacientes.

Já Martim Brito é caracterizado a partir de menção ao Marquês de Pombal. O jovem poeta “compôs uma ode à queda do marquês de Pombal”, além de elaborar discurso cheio de pompas em honra de D. Evarista, era conhecido por gostar “das ideias sublimes e raras, das

imagens grandes e nobres...” (ASSIS, 1986a, p. 267). A menção ao marquês é irônica e reforça o exagero da personagem, que coloca a derrubada do primeiro ministro e o retorno de D. Evarista a sua casa, no mesmo patamar.

Outra figura histórica utilizada para caracterizar personagens é Napoleão Bonaparte. Após mandar restabelecer a ordem em Itaguaí, o vice-rei restitui o poder do alienista, levando Porfírio a desistir de nova rebelião. Nesse sentido, a menção a Bonaparte estabelece, simultaneamente, relação de aproximação e de oposição, já que o barbeiro de Itaguaí havia “‘provado tudo’, como o poeta disse de Napoleão, e mais alguma cousa, porque Napoleão não provou a Casa Verde” (ASSIS, 1986a, p. 281). Deste modo, mostra o autoengrandecimento da personagem ao comparar-se a Napoleão, visto que Porfírio tenta se elevar por meio da menção ao imperador francês.

As diversas alusões à Revolução Francesa produzem um processo de cópia e colagem, uma vez que representam informações retiradas de livros de história. O título do capítulo 5, “O Terror” (ASSIS, 1986a, p. 262), o qual precede ao pânico que se instala na vila de Itaguaí devido ao recolhimento de grande parte da população à Casa Verde, estabelece uma relação intertextual com importante período da Revolução Francesa, mas aqui aponta para o ridículo de um encarceramento coletivo, movido pelas ideias falsamente científicas de Bacamarte.

Há, na novela, duas menções à Bastilha. Liderados por Porfírio, membros da comunidade vão à Câmara para pedir o fechamento da Casa Verde. Não obtém resultado, mas o barbeiro incita uma rebelião, afirmando que “não restituiria a paz a Itaguaí antes de ver por terra a Casa Verde – ‘essa Bastilha da razão humana’ –, expressão que ouvira a um poeta local, e que ele repetiu com muita ênfase” (ASSIS, 1986a, p. 270). A rebelião toma maior proporção e o narrador comenta que “dada a diferença de Paris a Itaguaí – podiam ser comparados aos que tomaram a Bastilha” (ASSIS, 1986a, p. 271).

Depois de tomar a Câmara, Porfírio decide por não fechar a Casa Verde, solicitando apenas que Bacamarte solte os loucos que já estão quase curados ou que não representem perigo à comunidade. Contudo, o alienista não libera ninguém e ainda captura mais pessoas, o que leva à nova revolta popular. Desta vez, João Pina assume o poder “e onde o outro barbeiro falara de uma Câmara corrupta, falou este de ‘um intruso eivado das más doutrinas francesas e contrário aos sacrossantos interesses de Sua Majestade’, etc” (ASSIS, 1986a, p. 278).

As alusões à Revolução Francesa, ainda que pretendam dar ao texto um tom de veracidade, importância, notoriedade, trazem um tom cômico à narrativa, como já referido anteriormente, ao comparar um grande acontecimento histórico a um episódio ocorrido em uma vila do Rio de Janeiro.

3.2 MENÇÕES A AUTORES E OBRAS LITERÁRIAS

A caracterização de personagens também é composta por menções a autores e obras literárias, em que se destacam o italiano Dante Alighieri, os poetas Píndaro e Pedro António Correia Garção, além de diversas referências a livros e personagens bíblicos.

Dentre essas obras, uma menção à *Bíblia* permite esclarecer a configuração do protagonista. Simão Bacamarte diz a Crispim Soares que, além de estudar e curar a loucura, pretende prestar um serviço de filantropia, acrescentando: “é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios”. Ele, igualmente, reproduz uma passagem da carta de São Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada” (ASSIS, 1986a, p. 256). Ao remeter a São Paulo e citar um trecho de sua carta, Simão Bacamarte exalta a sua causa e a si mesmo, tentando provar que, acima de tudo, é homem caridoso, preocupado com o bem estar alheio.

A composição de Simão Bacamarte também é constituída pela comparação à personagem bíblica Golias. Após internar grande parte de Itaguaí, um clima de medo se instaura entre a população, que se indigna com os abusos do médico, chamando-o “déspota”, “violento” e “Golias!” (ASSIS, 1986a, p. 268). A menção ao gigante Golias confere um tom de humor ao episódio, devido ao exagero com que o narrado e a personagem são descritas, pois o narrador tenta engrandecer o acontecimento, exaltando o alienista como a um vilão de proporções bíblicas.

A alusão ao livro bíblico “Cântico dos cânticos” é utilizada para caracterizar o protagonista. Após D. Evarista queixar-se ao marido, dizendo que achava excessiva sua dedicação à Casa Verde, Simão Bacamarte não se exalta e sugere que a esposa faça uma viagem ao Rio de Janeiro. O narrador descreve Bacamarte, observando que “talvez um sorriso lhe descerrou os lábios, por entre os quais filtrou esta palavra macia como o óleo do Cântico: – Consinto que vás dar um passeio ao Rio de Janeiro” (ASSIS, 1986a, p. 258). Por meio da alusão ao “Cântico dos cânticos”, livro cujo tema é o amor entre um homem e uma mulher, pode-se apreender que, apesar da frieza com que trata D. Evarista, Bacamarte é de fato apaixonado pela esposa.

A configuração de D. Evarista pode ser esclarecida por meio de outra alusão à *Bíblia*. D. Evarista fica muito alegre com a notícia de que irá visitar o Rio de Janeiro, tanto que “sentiu faltar-lhe o chão debaixo dos pés. Nunca dos nuncas vira o Rio de Janeiro, que posto não fosse sequer uma pálida sombra do que hoje é, todavia era alguma coisa mais do que Itaguaí. Ver o

Rio de Janeiro, para ela, equivalia ao sonho do hebreu cativo” (ASSIS, 1986a, p. 258). Ao comparar a situação vivida por D. Evarista à vivida pelo povo hebreu aprisionado no Egito, o narrador tenta engrandecer o episódio, revelando o exagero da personagem.

Padre Lopes é caracterizado a partir de menção ao poeta italiano Dante Alighieri e de trecho de sua obra *Divina Comédia*. Bacamarte captura Coelho, muitos diziam ser homem ajuizado e de bom caráter, mas que era um desafeto de padre Lopes. “O padre Lopes que cultivava o Dante, e era inimigo do Coelho, nunca o via desligar-se de uma pessoa que não declamasse e emendasse este trecho: *La bocca sollevò dal fiero pasto / Quel “seccatore”*, mas uns sabiam do ódio do padre, e outros pensavam que isto era uma oração em latim” (ASSIS, 1986a, p. 269). A passagem estabelece uma relação hipertextual com a obra de Dante. Contudo, o narrador utiliza a citação de forma distorcida e com incorreções, pois o trecho original é “*La bocca sollevò dal fiero pasto / quel peccator (...)*”, que em português é traduzido como “A boca levantou do vil repasto / aquela alma (...)” (ALIGHIERI, 1998, p. 217). Em *O Alienista*, padre Lopes, assim como o narrador, ao invés de “peccator”, emprega a palavra “seccatore”, que significa maçador, importuno, chato. Além disso, o fragmento adulterado de *O Inferno* ressalta a índole do padre que, ao oposto do esperado de um religioso, nutre ódio a Coelho e o dissimula por meio de sua erudição.

Outra evidência da índole desonesta de padre Lopes está na menção à principal versão grega da Bíblia, a “versão dos Setenta”⁸. Cinco meses e meio depois de postular sua última teoria, Bacamarte havia curado todos os loucos da Casa Verde, inclusive o padre Lopes. O alienista sabia que o clérigo “ignorava perfeitamente o hebraico e o grego”, contudo, encomendou-lhe “uma análise crítica da versão dos Setenta; o padre aceitou a incumbência, e em boa hora o fez; ao cabo de dois meses possuía um livro e a liberdade” (ASSIS, 1986a, p. 286). A menção à versão dos Setenta reitera a dissimulação do padre Lopes, que aceita a tarefa mesmo sem saber hebraico ou grego, acabando por falsear sua análise da obra.

A caracterização de personagens por meio de autores e obras literárias também é evidenciada quando são apresentados alguns internos da Casa Verde. Um deles, que é poeta muito modesto, recusa todo tipo de cura, até decidir o alienista mandar espalhar que o moço é rival de dois grandes poetas, o grego Píndaro e o português Pedro António Correia Garção. “Simão Bacamarte começava a desesperar da cura, quando teve ideia de mandar correr matraca para o fim de o apregoar como um rival de Garção e de Píndaro” (ASSIS, 1986a, p. 285). Essa menção a Píndaro, poeta lírico famoso pelas *Odes Triunfais*, e ao neoclássico Garção aponta para o expediente com que a personagem tenta elevar-se ao nível de dois grandes escritores e, porque o faz por meios escusos, mostra sua degradação, apesar do novo status adquirido.

Outro louco, que tinha mania de grandeza, sempre narra às paredes do hospício sua genealogia: “– Deus engendrou um ovo, o ovo engendrou a espada, a espada engendrou Davi, Davi engendrou a púrpura, a púrpura engendrou o duque, o duque engendrou o marquês, o marquês engendrou o conde, que sou eu” (ASSIS, 1986a, p. 257). O trecho consiste em uma paródia à narração de genealogias feita na *Bíblia*, como os exemplos em Gênesis 11: 10-26 e Rute 4: 18-22 (SENNA, s/d), além disso, a menção a Davi acentua a loucura da personagem e sua fixação pela opulência.

Padre Lopes, assombrado com a eloquência de outro paciente que, depois de internado na Casa Verde, discursa em grego e latim, atribui esse fenômeno à obra divina, argumentando que o fato “só se pode explicar pela confusão das línguas na torre de Babel, segundo nos conta a Escritura; provavelmente, confundidas antigamente as línguas, é fácil trocá-las agora, desde que a razão não trabalhe...” (ASSIS, 1986a, p. 256). A menção à torre de Babel estabelece uma relação hipertextual com o livro bíblico “Gênesis” e reforça a ideia de que a loucura despertaria dons ocultos dos pacientes.

Uma alusão à *Bíblia*, feita pelo narrador, permite esclarecer o posicionamento ideológico das pessoas. Mateus, que era simples albardeiro, construiu a casa de seus sonhos, mansão imensa com mobília fina, causando inveja em alguns moradores da vila. “Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava, ou se falava, ou se louvava a casa do albardeiro – um simples albardeiro, Deus do céu!” (ASSIS, 1986a, p. 264). O trecho alude ao livro de “Mateus” e possibilita apreender que a população, corroída pela inveja, considera o fim do mundo um homem humilde conseguir construir uma mansão.

A ausência de esclarecimento das menções intertextuais em *O Alienista* não impede o entendimento da novela, mas esse torna-se superficial, pois, somente uma leitura na verticalidade do texto permite ao leitor compreendê-la de modo mais aprofundado. Reitera-se, portanto, a importância da elucidação das remissões presentes na novela, de modo a apreender o processo de concepção das personagens e identificar obras literárias em circulação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produções de Machado de Assis dialogam com práticas culturais, com obras e autores, com eventos e personagens históricos, refletindo o contexto em que ele se situa e aquele que ele pretende representar na narrativa. Portanto, a análise de menções à história e à literatura em *O Alienista* possibilitou inferir aspectos da sociedade brasileira oitocentista e depreender características das personagens, de modo a aprofundar a compreensão do texto.

Em *O Alienista*, Machado de Assis coteja o período histórico da produção da obra, o Segundo Império, com o período da diegese, o Brasil Colonial, de maneira a desvelar características socioculturais inerentes ao Brasil do século XIX. Assim, Machado relaciona acontecimentos históricos como a Revolução Francesa e a Inconfidência Mineira que, na obra, foram transpostas e ressignificadas na forma da revolta dos Canjicas. As alusões à história conferem ao texto um tom cômico, transformando-o em uma sátira da sociedade brasileira, cujos movimentos de reestruturação política, econômica e social provocavam instabilidade.

Dessa forma, o estudo da novela revela o pensamento reflexivo de Machado de Assis, já que o escritor, ao conjugar os dois períodos históricos, estabelece uma crítica à sociedade brasileira oitocentista. As remissões ao campo da história denunciam os perigos do progresso e do pensamento positivista e apontam para as mudanças socioeconômicas que levaram à queda da monarquia. Neste sentido, em *O Alienista*, Machado critica o pensamento científico que fazia uso indiscriminado de teorias estrangeiras, a radicalização de ideários revolucionários e a corrida desenfreada pela modernização, seguindo orientação europeia.

As menções intertextuais contribuem para a concepção das personagens. Exemplo disso é a caracterização de Simão Bacamarte, que é enriquecida por meio de referências ao político romano Catão, ao médico grego Hipócrates e ao médico e filósofo hispano-árabe Averróis, as quais possibilitam depreender a insanidade do protagonista, já que produzem um efeito irônico, contradizendo a exposição inicial da personagem, que o consagrava como um ilustre médico.

Portanto, as remissões a obras e autores não só do campo da literatura, mas também da história, projetam o pensamento crítico do escritor, que reflete sobre o contexto em que se situa, transferindo ao passado distante problemas do momento da produção da novela. Assim, duas épocas, distantes temporalmente, são conjugadas pelo posicionamento de Machado de Assis, que nelas encontra pontos de semelhança, fazendo de *O Alienista* uma sátira da sociedade.

Além disso, comprova-se, por meio do estudo da intertextualidade em *O Alienista*, que Machado de Assis era um leitor ávido, visto que tinha conhecimento da literatura universal e de obras em circulação, transferindo informações sobre elas à sua ficção. Sustenta-se, também, a tese de que Machado contribuiu para a valorização da leitura, pois ao se valer de textos literários na composição das narrativas ficcionais, ele contribuiu para instituir um imaginário sobre obras em circulação e valorizar textos, legitimando a leitura como forma de inserção na cultura.

NOTAS

¹ Estimativa feita a partir de indícios da passagem temporal na narrativa.

- ² Instrumento de madeira com que os vendedores ambulantes, ou mascates, se anunciavam nas ruas e caminhos.
- ³ Tiphaine Samoyault (2008, p. 53) explica que a paródia “transforma uma obra precedente, seja para caricaturá-la, seja para reutilizá-la, transpondo-a. Mas qualquer que seja a transformação ou a deformação, ela exhibe sempre um liame direto com a literatura existente”.
- ⁴ A metatextualidade consiste na reflexão do narrador sobre o modo como ele constitui o texto. Segundo Patrícia Waugh (1984, p. 02, tradução nossa), “metaficção é um termo dado para a escrita ficcional que tímida e sistematicamente chama a atenção ao seu estado de artefato, de forma a propor questões sobre o relacionamento entre ficção e realidade”.
- ⁵ “O mais famoso médico da Antiguidade, o grego Hipócrates viveu nos séculos V e IV a.C”. (SENNA. Marta de. Romances e contos em hipertexto. In: *Machado de Assis.net*. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm. Acesso em: 20 de maio de 2015).
- ⁶ “Catão de Utica (95-46 a.C.), estoico defensor da liberdade e do Senado contra César, matou-se com a própria espada, em Utica, depois que Pompeu foi derrotado por César em Tapso, porque viu nisso o prenúncio do fim da república em Roma”. (SENNA. Marta de. Romances e contos em hipertexto. In: *Machado de Assis.net*. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm. Acesso em: 20 de maio de 2015).
- ⁷ “Jean Buridan, doutor escolástico francês, viveu no século XIV. A ele se atribui a história do asno que morre de fome por não conseguir escolher entre beber a água e comer a comida que dele se encontravam a igual distância” (SENNA. Marta de. Romances e contos em hipertexto. In: *Machado de Assis.net*. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm. Acesso em: 20 de maio de 2015).
- ⁸ “A ‘versão do Setenta’ é a principal versão grega da Bíblia (Antigo Testamento), cuja redação começou no século III a.C. e foi concluída no final do século II a.C. A tradição judaica atribui sua tradução a setenta sábios. É também chamada ‘Alexandrina’ por ter sido elaborada em Alexandria e usada pelos judeus de língua grega”. (SENNA. Marta de. Disponível em: http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm. Acesso em: 20 de maio de 2015).

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Inferno. São Paulo: Ed. 34, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=yk66aYB1c_4C&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 22 de maio de 2015.
- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Org. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986a, v.II.
- FAORO, Raymundo. O espelho e a lâmpada. In: BOSI, Alfredo; GARBUGLIO, José Carlos; CURVELLO, Mario; FACIOLI, Valentim Aparecido. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- IGLÉSIAS, Francisco. **História geral e do Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semianálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/179385244/Introducao-a-semanalise-Julia-Kristeva-pdf>>. Acesso em 20 de abril de 2015.

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. **A influência das ideias higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil**. Psicologia em Estudo. 2000, vol.5, n.1, p. 115-137. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v5n1/v5n1a08>>. Acesso em 10 de junho de 2015.

MARTINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, Fernando A. (Coordenador-geral da coleção); SEVCENKO, Nicolau (Org. do Volume). **História da vida privada no Brasil 3**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MASSA, Jean-Michel. **A juventude de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

MOISÉS, Massaud. “O Alienista”: paródia do Dom Quixote? In: _____. **Machado de Assis: ficção e utopia**. São Paulo: Cultrix, 2001.

MURICY, Katia. **A razão cética: Machado de Assis e as questões de seu tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Estrutura composicional de contos de Machado de Assis: convite à reflexão do leitor**. Signo. Santa Cruz do Sul, v. 35 n. 58, p. 199-216, jan.-jun., 2010. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/1325/991>>. Acesso em 20 de abril de 2015.

SARAIVA, Juracy Assmann; WERNER, Juliana Lamera. **Instâncias de legitimação da leitura e da literatura e a formação do escritor Machado de Assis**. In: [Anais do] IV Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários. Organização: Germana Sales, [et al.]. Belém: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, 2013. Disponível em <<http://www.4ciella.com.br/index.php#publicacoes>>. Acesso em 14 de janeiro de 2015.

SENNA, Marta de. Romances e contos em hipertexto. In: **Machado de Assis.net**. Disponível em <http://www.machadodeassis.net/hiperTx_romances/obras/papeisavulsos.htm>. Acesso em 20 de maio de 2015.

WAUGH, Patricia. **Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction**. London and New York: Methuen, 1984.